



CANTO DOS CLÁSSICOS

O INÍCIO DO CINEMA

Como surgiu a Sétima Arte e
seus principais expoentes





índice

1 - A Pré-História do Cinema

- 1.1. O desejo humano de capturar o movimento
- 1.2. As sombras, lanternas mágicas e os primeiros experimentos óticos
- 1.3. O Fenacístoscópio, Zoótropo e o Teatro Óptico

2 - A Revolução Fotográfica

- 2.1. A invenção da fotografia e sua influência
- 2.2. Eadweard Muybridge e a decomposição do movimento
- 2.3. Étienne-Jules Marey e a fusão da fotografia com a ciência

3 - Thomas Edison e William Dickson: O Cinetoscópio

- 3.1. A criação do Cinetoscópio e seu impacto inicial
- 3.2. O Kinetograph: A primeira câmera para gravação contínua
- 3.3. As primeiras exposições privadas e a resistência do público

4 - Os Irmãos Lumière e a Exibição Pública do Cinema

- 4.1. O Cinematógrafo: Inovação tecnológica e portabilidade
- 4.2. A primeira exibição pública: O nascimento oficial do cinema
- 4.3. A reação do público e a disseminação da novidade pelo mundo

5 - Alice Guy-Blaché: A Primeira Diretora do Cinema

- 5.1. Uma mulher à frente de seu tempo
- 5.2. Inovações técnicas e estéticas
- 5.3. Alice Guy nos Estados Unidos e sua invisibilização na história

6 - O Cinema como Narrativa: A Revolução de Méliès

- 6.1. Georges Méliès e a transformação do cinema em espetáculo
- 6.2. "Viagem à Lua" e os primeiros efeitos especiais
- 6.3. O pioneirismo na criação de gêneros cinematográficos
- 6.4. A Homenagem de Martin Scorsese a Georges Méliès

índice

7 - A Expansão Mundial do Cinema

- 7.1. O cinema nos Estados Unidos: O surgimento de um mercado promissor
- 7.2. O cinema na Europa: França, Alemanha e Rússia na vanguarda
- 7.3. Os primeiros cineastas e suas contribuições

8 - O Cinema Mudo e os Primeiros Mestres

- 8.1. D.W. Griffith e a linguagem cinematográfica
- 8.2. O expressionismo alemão: Uma estética influente
- 8.3. O construtivismo soviético e a montagem revolucionária
- 8.4. Charles Chaplin e a comédia no cinema mudo

9 - A Chegada do Som e a Transformação da Indústria

- 9.1. O impacto do som: Do O Cantor de Jazz ao cinema falado
- 9.2. Os desafios técnicos e as mudanças na atuação
- 9.3. A consolidação dos estúdios e do sistema de estrelas

10 - A Consolidação do Cinema Clássico e os Grandes Gêneros

- 10.1. A Era de Ouro de Hollywood
- 10.2. O surgimento e a consolidação dos gêneros cinematográficos
- 10.3. A influência do cinema clássico na narrativa cinematográfica

11 - O Cinema Moderno e os Movimentos Cinematográficos

- 11.1. O rompimento com o cinema clássico
- 11.2. A Nouvelle Vague e a revolução do cinema francês
- 11.3. O cinema independente e o surgimento do Novo Hollywood

12 - Resenhas

- 12.1. A Fada do Repolho (1896) – Alice Guy-Blaché
- 12.2. Viagem à Lua (1902) – Georges Méliès
- 12.3. O Grande Roubo do Trem (1903) – Edwin S. Porter
- 12.4. O Nascimento de uma Nação (1915) – D.W. Griffith
- 12.5. O Cantor de Jazz (1927) – Alan Crosland

Nota sobre Direitos Autorais e Uso de Imagens

Este livro tem como objetivo educar, informar e promover o estudo da história do cinema, trazendo uma análise aprofundada sobre o início do cinema e seus filmes mais marcantes. As imagens presentes nesta obra são utilizadas exclusivamente para fins ilustrativos, ajudando na contextualização do conteúdo e na melhor compreensão do leitor.

O Canto dos Clássicos não detém os direitos autorais de nenhuma das imagens aqui apresentadas. Todos os direitos pertencem aos seus respectivos detentores, como estúdios, produtores e cineastas responsáveis pelas obras mencionadas. O uso destas imagens se dá dentro dos princípios do fair use (uso justo) e de outras exceções previstas nas leis de direitos autorais, respeitando seu caráter informativo.

Caso algum detentor de direitos entenda que alguma imagem não deve ser utilizada, pedimos que entre em contato para que as devidas providências sejam tomadas. Nosso compromisso é com a disseminação do conhecimento cinematográfico e o respeito às criações artísticas que moldaram a sétima arte.

Copyright Notice and Image Use

This book aims to educate, inform, and promote the study of film history by providing an in-depth analysis of the surrealist movement and its most iconic films. The images included in this work are used solely for illustrative purposes, helping to contextualize the content and enhance the reader's understanding.

Canto dos Clássicos does not own the copyright to any of the images presented in this book. All rights belong to their respective owners, including studios, producers, and filmmakers responsible for the mentioned works. The use of these images falls within the principles of fair use and other exceptions provided by copyright laws, respecting their informational nature.

If any rights holder believes that an image should not be used, we kindly ask them to contact us so that appropriate measures can be taken. Our commitment is to the dissemination of cinematic knowledge while respecting the artistic creations that have shaped the cinema.



Prefácio

Uma viagem pelas origens da Sétima Arte

Por que o cinema é conhecido como a sétima arte? Porque é a forma de arte mais intertextual que existe, pois reúne elementos das outras seis: a imagem vem da pintura; os cenários da escultura e arquitetura; a trilha sonora da música; a encenação do teatro e da dança; e o roteiro da literatura. A expressão "sétima arte", foi criada pelo italiano Ricciotto Canudo em 1912. Canudo foi um dos primeiros teóricos a tratar o cinema como "arte" e cunhou a expressão por ver na arte cinematográfica a síntese das outras seis artes: arquitetura, música, pintura, escultura, poesia e dança.

Se analisado basicamente pelo lado técnico, percebe-se que o cinema surgiu da união de três pesquisas científicas: a fotografia, a projeção de imagens e a persistência da visão. Os dois primeiros são conceitos relativamente antigos. A fotografia como espelho ou representação da realidade sempre pôde ser apreciada através da pintura. É a partir de 1803 que se tenta desenvolver mecanicamente a fixação de imagens, algo que só vem a acontecer em 1839 com a descoberta do sulfato de prata.

A projeção de imagens nos remete ao Oriente e suas lanternas mágicas, outro processo já conhecido. A grande novidade ocorreu em 1826, quando o inglês de origem suíça Peter Mark Roget publicou um documento científico a respeito de uma deficiência que todos nós temos: a persistência retineana, ou seja, o olho humano possui uma falha que possibilita a retenção de uma imagem por alguns segundos.

A partir do surgimento da fotografia, cientistas e inventores começaram a pensar na possibilidade de colocar imagens em movimento. Em 1877, o francês Émile Reynaud, considerado o “criador dos desenhos animados”, aperfeiçoa o Zootrópio (aparelho criado pelo inglês William George Horner, em 1834) e desenvolve um novo equipamento chamado Praxinoscópio.

Em 1893, na Feira Internacional de Chicago, o americano Thomas Alva Edison, inventor da lâmpada elétrica e do gramofone, apresenta o kinescópio (uma caixa com um buraco por onde é possível ver imagens ampliadas por uma lupa).

Na França, os irmãos Auguste e Louis Lumière apresentam o cinematógrafo, aparelho que funciona como câmara e projetor, utilizando o princípio da fotografia e da película sensível e em 28 de dezembro de 1895, no subsolo do Grand Café de Paris, acontece a primeira sessão pública cinematográfica, realizada pelos Lumière, e é por causa desse importante acontecimento que o mérito da invenção do cinema é atribuído aos irmãos Lumière, e não a Thomas Edison, como defendem os americanos.

No Brasil, o cinematógrafo é apresentado aos cariocas em junho de 1896, seis meses depois da estreia mundial. Ainda na França temos o pioneirismo de Alice Guy-Blaché e as experiências visuais de Georges Méliès. O cinema não se limitava mais a simplesmente “retratar a realidade”. Os irmãos Lumière veem tudo apenas como uma “curiosidade científica” e decretam ser o cinema “uma invenção sem futuro”.

Essas e muitas outras histórias são contadas por Lucas Pilatti Miranda, do site Canto dos Clássicos, neste O Início do Cinema. Ele avisa que não é crítico de cinema, apenas um apaixonado pela sétima arte. O resgate histórico que Lucas faz aqui é didático sem ser pedante. O texto flui com leveza e profundidade, ideal para aqueles apaixonados por imagens em movimento e que estão em busca de conhecimento.

O projeto prevê novos volumes. Ou seja, novas viagens pelo maravilhoso mundo do cinema. Mal posso esperar. Que venham logo!



Por Marden Machado

Possui formação em Comunicação Social – Jornalismo e atuou como servidor da Justiça Eleitoral por 38 anos. Além disso, é palestrante, roteirista, um dos curadores do Cine Passeio e comentarista de cinema das rádios CBN Curitiba e CBN Londrina. É autor de cinco guias de cinema, lançados pela Editora Arte e Letra. Também mantém um portal (www.cinemarden.com.br) e um canal no YouTube: www.youtube.com/cinemarden.

Introdução

O que é o cinema?

O cinema é, acima de tudo, uma expressão do tempo e do movimento. Diferente de outras formas de arte, que se manifestam em espaços estáticos, a sétima arte se constrói na justaposição de imagens em sequência, criando a ilusão do fluxo da vida. Sua essência está no movimento: no gesto de um ator, na transição entre um plano e outro, na transformação do tempo através da montagem. O cinema, portanto, não é apenas um reflexo do mundo, mas uma reinvenção da realidade através das lentes da narrativa visual.

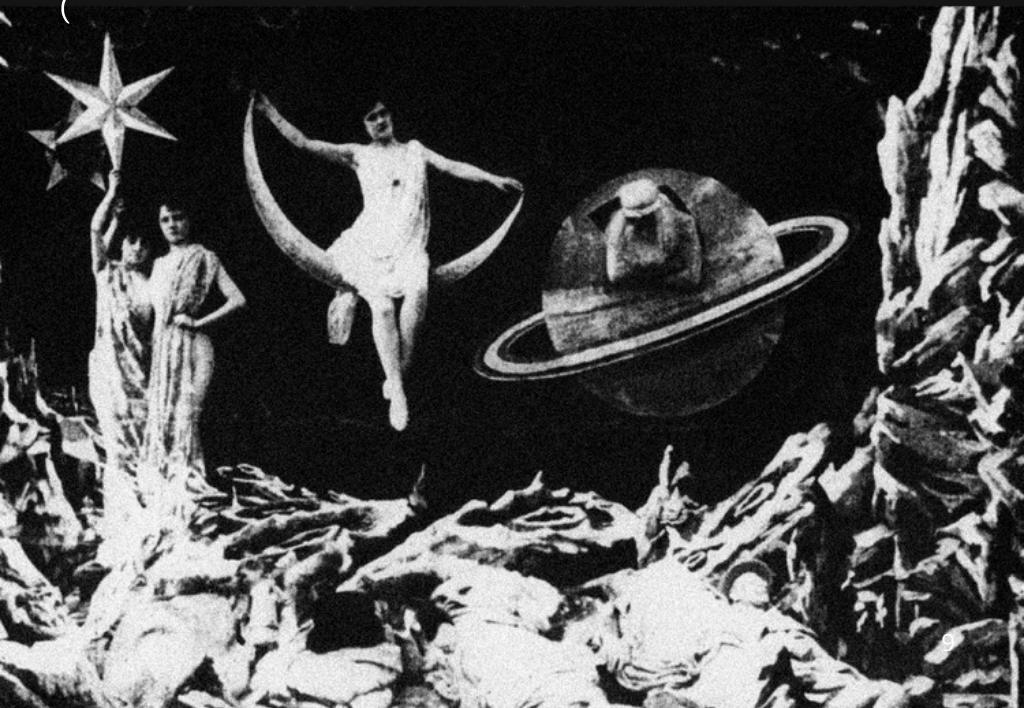
Historicamente, sua definição evoluiu. No início, era um mero registro do real, uma extensão da fotografia em movimento. Os primeiros filmes dos irmãos Lumière, como *A Saída da Fábrica* (1895), capturavam a vida cotidiana sem intenção narrativa. Entretanto, logo foi percebido que o cinema podia ser mais do que um espelho da realidade: ele podia contar histórias. Surgia, então, um novo meio de expressão, onde a montagem, a direção de atores, a iluminação e o enquadramento se tornariam ferramentas fundamentais para criar universos, emocionar audiências e desafiar percepções.

Através do tempo, o cinema assumiu múltiplas funções: entretenimento, educação, propaganda, experimentação artística e expressão pessoal. Ele se tornou um dos meios mais poderosos de comunicação do século XX, capaz de moldar culturas, refletir momentos históricos e construir mitologias modernas. O impacto de um filme vai além da tela; ele pode influenciar comportamentos, inspirar movimentos sociais e reescrever narrativas coletivas.

Mas, afinal, o que é o cinema? Para muitos, ele é um sonho projetado em uma tela escura, uma ilusão meticulosamente criada por diretores, roteiristas, atores e técnicos. Para outros, é uma ferramenta política e filosófica, um espaço onde ideias podem ser testadas e provocadas. Para os amantes da arte, o cinema é poesia visual, um método de contar histórias que não poderiam ser ditas de outra maneira. Seja qual for a definição que se adote, uma coisa é certa: o cinema é um dos maiores testemunhos da capacidade humana de criar e se conectar.

Nos próximos capítulos, embarcaremos em uma jornada pela história do cinema, explorando suas origens, seus pioneiros e as revoluções que o moldaram ao longo das décadas. Ao compreendermos seu nascimento, poderemos enxergar com mais clareza sua evolução e, talvez, prever os caminhos que ainda percorrerá. O cinema é passado, presente e futuro - e sua história começa agora.

→ MÉLIÈS, Georges. Viagem à Lua (Le Voyage dans la Lune). França, Star Film, 1902. Filme mudo, 14 min.



1 - A Pré-História do Cinema

O desejo humano de capturar o movimento

Desde os primórdios da civilização, o ser humano buscou registrar e entender o movimento. Nas cavernas de Chauvet e Lascaux, desenhos de animais com múltiplas pernas já demonstravam a tentativa rudimentar de ilustrar o deslocamento. Essas representações gráficas não eram meras tentativas artísticas, mas um esforço primitivo para compreender o mundo à sua volta e, de certa forma, dar vida às imagens estáticas.

No Antigo Egito, por exemplo, já se percebia a tentativa de transmitir a ideia de deslocamento nas pinturas das tumbas e templos, onde figuras humanas e animais eram representados em posições sobrepostas para indicar movimento. Civilizações como os gregos também buscavam formas de capturar a ação, como demonstrado nas cerâmicas decoradas com figuras em diferentes poses sequenciais, antecipando o princípio do cinema.

Durante o Renascimento, cientistas e artistas começaram a estudar mais profundamente a ótica e a percepção visual. Leonardo da Vinci explorou a persistência da visão, conceito fundamental para a ilusão de movimento que o cinema futuramente aperfeiçoaria. Suas anotações indicavam um interesse profundo na decomposição do movimento, algo que só seria plenamente desenvolvido séculos depois, com o advento da fotografia e, posteriormente, do cinema.